AEDOS Revista do corpo discente do PPG-História da UFRGS

Entrevista com o pesquisador de política externa brasileira Rogério de Souza Farias

Luis Fernando Silva Sandes[1]

Introdução

Rogério de Souza Farias, o entrevistado, fez sua carreira acadêmica, da graduação ao primeiro pós-doutorado, em Relações Internacionais na Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é pesquisador do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI) da Fundação Alexandre de Gusmão (Funag), que é vinculada ao Ministério das Relações Exteriores. A Funag tem duas vertentes de atuação: divulgação de assuntos de política externa brasileira e promoção de debates sobre tópicos ligados às relações exteriores. Já o IPRI, entre outras tarefas, sistematiza documentação pertinente e desenvolve estudos sobre temas internacionais. Seu objetivo é aprofundar o diálogo entre a academia e o ministério.

Os interesses acadêmicos de Rogério Farias são, sobretudo, política externa brasileira, negociações de comércio internacional e história do serviço diplomático brasileiro. Ele tem longa lista de publicações em periódicos acadêmicos nacionais e estrangeiros. Publicou três livros, sendo que o mais recente livro é *Edmundo P. Barbosa da Silva e a Construção da Diplomacia Econômica no Brasil*[2].

Mesmo não sendo historiador de formação, o pesquisador tem estudado eventos no passado, para o que vem adquirindo ferramentas teóricas e práticas tanto nos estudos acadêmicos como na prática do trabalho. Uma abordagem metodológica que vem utilizando em seus empreendimentos é o método prosopográfico, ou método da biografia coletiva, o qual

[1] Mestrando em Ciências Sociais e graduado em Relações Internacionais, ambos pela PUC-SP. No mestrado pesquisa, com base, entre outras ferramentas, no método da biografia coletiva, um movimento de arte de vanguarda na cidade de São Paulo na década de 1950: o concretismo.

[2] FARIAS, Rogério de Souza. *Edmundo P. Barbosa da Silva e a construção da diplomacia econômica brasileira*. Brasília: Funag, 2017.

conheceu no CPDOC/FGV. Os resultados se chamam prosopografia e biografia coletiva, respectivamente.

O método prosopográfico inicialmente se restringia às Histórias Antiga e Medieval. Nas últimas décadas passou a ser aplicado para outras áreas do conhecimento. É uma forma de praticar sociologia no passado. Em artigo já clássico, o historiador Lawrence Stone afirmou que "A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas"[3]. Os grupos pesquisados geralmente são da elite (no sentido instrumental do termo) dada a frequente abundância de fontes e materiais. Uma vez delimitado o universo da pesquisa, são formulados questionários a respeito da vida das pessoas e da interação entre elas, em determinado campo da vida (política, artes, etc.). O objetivo é obter uma fotografia, ou um conjunto de fotografias, de um grupo em dado momento, na qual se mostrem as dinâmicas sociais e geracionais.

No Brasil, a biografia coletiva vem sendo introduzida e praticada apenas nos últimos anos, sendo seu principal incentivador o professor da Universidade Federal do Paraná Flavio M. Heinz, que organizou livro com abordagens prosopográficas de diferentes elites no Brasil desde 1850: militar, cultural (cinema de vanguarda), jurídica, política e empresarial[4]. Já que se trata de método adequado para lidar com grande número de indivíduos, Farias tem se servido dele para suas pesquisas sobre a formulação de políticas de assuntos internacionais (principalmente econômicos e comerciais) e sobre diplomatas. Confira abaixo a entrevista, que foi concedida por e-mail em outubro de 2017 e janeiro de 2018.

***

Autor: Sua formação, desde a graduação até o doutorado, foi realizada na Universidade de Brasília (UnB). Depois de seu primeiro pós-doutorado, na UnB, o senhor foi à Universidade de Chicago realizar outro. O que o levou até lá?

RSF: Razões familiares. Minha esposa foi trabalhar na cidade.

Autor: Houve uma grande diferença entre a Universidade de Chicago e a de Brasília? Qual foi o maior impacto sobre o senhor?

[3] STONE, Lawrence. Prosopografia. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, v.19, n.39, pp.115-137, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782011000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 2 dez. 2017.

[4] HEINZ, Flavio M. *História social de elites*. São Leopoldo: Oikos, 2011.

RSF: São muito distintas as duas instituições, mais particularmente no tipo de centro ao qual estava vinculado. O Centro de Estudos Latino-Americanos é uma instância interdisciplinar, que possibilita acesso a todos os Departamentos, promovendo eventos temáticos de alta importância. A Universidade de Chicago, por sua vez, conta com muitos recursos, o que possibilita acesso a material do mundo todo, além de promover eventos com os melhores pesquisadores do mundo.

Há, também, a diferença de cultura acadêmica, pois em Chicago é recorrente a utilização de pequenos seminários de discussão de trabalhos — um importante pelotão de fuzilamento — que ajuda sensivelmente a melhora da atividade acadêmica.

Autor: Durante sua graduação em Relações Internacionais, o senhor fez duas iniciações científicas. Em quais sentidos elas são importantes para seu trabalho hoje?
RSF: Ensinaram-me a ter foco e capacidade para planejar uma pesquisa.

Autor: Parte da sua pesquisa trata da formação de processos decisórios de tópicos da política externa brasileira. Em que medida o método prosopográfico o auxilia nesses estudos?
RSF: O método prosopográfico ajuda-me principalmente na questão da amostragem e como trabalhar a consistência das conclusões na elevação da escala de inferências de casos individuais.

Autor: Quais são os países com os estudos prosopográficos mais avançados atualmente?
RSF: Não sou familiarizado com outras comunidades acadêmicas, mas diria que os Estados Unidos e a França são os países mais relevantes no uso da técnica.

Autor: Como o senhor tomou conhecimento da biografia coletiva e de seu método?
RSF: Por intermédio de um seminário no CPDOC/FGV. Iniciei-me utilizando como exemplo a trajetória de história de elites.

Autor: Como o senhor definiria biografia coletiva?
RSF: A definição mais tradicional seria o conjunto de biografias no modelo criado por Giorgio Vasari no Renascimento. Um volume com conjunto específico de biografias, no entanto, não é

hoje considerado, por si só, como método adequado. Hoje o termo biografia coletiva é utilizado como sinônimo de prosopografia.

Autor: Notei que, em diversos trabalhos, o senhor contou com outras pessoas para pesquisar. Qual a importância do trabalho em equipe?

RSF: Infelizmente, na área de humanas, a colaboração ainda é um pouco de tabu. Isso é uma infelicidade. O trabalho em equipe melhora consideravelmente a qualidade do produto final, principalmente pelo debate de ideias e a crítica livre.

Autor: No seu caso, como as universidades e as agências de fomento vêm lidando com o trabalho em equipe?

RSF: Não conseguiria dizer. Nunca tive sucesso com financiamento em equipe.

Autor: O senhor banca os seus auxiliares de pesquisa com dinheiro próprio?

RSF: Utilizo recursos de chamadas públicas para financiar esses auxiliares.

Autor: De modo geral, o que o senhor toma em consideração para escolher as fontes da pesquisa?

RSF: Depende do objeto de estudo. Como trabalho com política externa, sempre tento compreender o processo decisório e identificar quais foram as fontes que registraram a dinâmica decisória.

Autor: O senhor desenvolve sua carreira acadêmica em paralelo à carreira de funcionário público. Como se cruzam as carreiras? Em quais aspectos uma favorece a outra? Em que uma complica a outra?

RSF: Sim. Esse é um caso muito atípico. Considero ser um "círculo virtuoso". A experiência de como o governo funciona é essencial para poder estudar qualquer política pública. A complicação vem com o óbvio cerceamento da liberdade e, mais importante, do tempo diminuto para pesquisa e, mais importante, inflexibilidade para lidar com agendas externas.

Autor: A que cerceamento da liberdade o senhor se refere?

RSF: Estar inserido no contexto estatal dificulta uma compreensão adequada dessa mesma realidade. Estou consciente que há um processo de autocensura que impede o estudo de temas muito contemporâneos e que afetem o meu cotidiano profissional.

Autor: Em qual momento da sua produção acadêmica o senhor passou a se deparar com dados de grande monta? Como lidou inicialmente com eles?

RSF: No doutorado, quando lidei com ofertas tarifárias brasileiras. Inicialmente lidei utilizando o Excel.

Autor: Quais ferramentas metodológicas e analíticas vêm sendo importantes para seu trabalho com grandes séries e grandes volumes de dados?

RSF: Atualmente sou grande fã do Tableau, um software de *big data*.

Autor: No que consiste esse software? É livre?

RSF: Este é um software de big data. Sua versão livre é denominada de Tableau Public. Mais informações podem ser encontradas no site da empresa.

Autor: "Geração" é tanto um conceito corrente, de sentidos múltiplos utilizados pelos diferentes atores, como matéria de estudos aprofundados sociológicos. Algum comentário sobre como inter-relacionar ambos?

RSF: Há, como tudo nas ciências sociais, realmente multiplicidade de conceitos. O importante é fazer uma revisão da literatura e selecionar o que seja mais preciso e ofereça a melhor delimitação conceitual (*cohort*, em inglês).

Autor: Qual seu projeto atual de pesquisa? Algum artigo ou livro em andamento?

RSF: Estou concluindo um volume com uma análise geracional de diplomatas brasileiros[5]. Esse grupo reformador teve grande impacto na política externa brasileira.

[5] O título provisório é *Os inconformistas disciplinados: Gerações, alianças e reforma na política externa brasileira (1930-1964)*. Encontra-se disponível em: <https://brasilia.academia.edu/Rog%C3%A9riodeSouzaFarias>. Acesso em 30 out. 2017.